

ALÉM DAS MONTANHAS: HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA MARIA TERESA FREITAS

Inês A. Castro Teixeira
UFMG
inestei@uol.com.br

Maria Leopoldina Pereira
UFRJ
professora.dina@ig.com.br

Carolina Caniato Portes
UFJF

Cristiano José Rodrigues
UFJF
cristiano.rodrigues@ufjf.edu.br

Eduardo Malvacini
UFJF



RESUMO

Entre fazeres e afazeres, afetos, viveres, ora doces, ora amargos; por entre letras, livros, aulas, pensamento, ideias, ela se descortina. Sempre querendo voar além das montanhas, em suas muitas vidas: de mulher, de mãe, de amiga, da irmã, de cidadã, de pesquisadora, de professora – da Educação Básica à Pós-Graduação. Ela é a professora Maria Teresa de Freitas, aposentada da Universidade Federal de Juiz de Fora e, mais recentemente, professora convidada da Universidade Federal de São João Del Rey, ambas em Minas Gerais, Brasil. Essa história de professora, do trabalho docente que nela se apresenta como vida, como profissionalismo e paixão, não poderia ficar sem um registro para que outros a conheçam.

Mediante os pressupostos teórico-epistemológicos e metodológicos da História Oral, realizou-se uma pesquisa de História de Vida esta professora, através de entrevistas gravadas e filmadas e de filmagens em cidades e lugares como escolas, faculdades, ruas e praças e na própria casa da professora, locais onde ela viveu e ainda vive.

O percurso metodológico da pesquisa foi sendo criado e recriado, podendo traduzir-se numa ideia, mais do que uma metáfora: *olhos nos olhos*. Nas várias sessões das entrevistas e períodos de filmagem, ali estavam os luminosos olhos azuis de Maria Teresa, apreendidos pelos olhos atentos e sensíveis e pela câmera na mão dos

pesquisadores, olhos de lentes a câmera que capturam, apreendendo a vida, a palavra, a imagem, o enredo, na pesquisa.

Foram muitas as descobertas da investigação, tanto sobre aquela mulher, quanto sobre o trabalho docente que desde sua juventude em um Grupo Escolar a constituíram como mestra exemplar. Aquela que viveu seus dias da juventude e da adultez sempre nas escolas, no exercício do trabalho docente, que se articula às suas vivências pessoais como mãe, mulher, cidadã. Nessa história estão belos enredos, por vezes mais duros – a vida sofrida – por vezes mais suaves, marcando os viveres dessa mestra, que reúne na docência, atividades de ensino, de pesquisa, de orientação em variados níveis e modalidades de ensino. Considerada como uma professora e pesquisadora de referência nos estudos sobre Bakhtin e Vygotsky no Brasil, Maria Teresa Freitas nos confiou sua vida, reconstituiu, ressignificou, reviveu sua história de décadas que marcaram, entre outros sentidos, seu desejo de voar “para além das montanhas”, nas suas próprias palavras. Esses elementos e descobertas estão contidos nesse trabalho, que se transformou em duas criações: um texto escrito e um documentário fílmico de media duração. Através destas produções, um material de pesquisa através do qual podemos não somente registrar, mas compartilhar e aprender com memoráveis histórias de mulheres que se dedicaram ao trabalho docente, entre as quais se destacam, a de Maria Teresa de Freitas.

PALAVRAS CHAVE: História de Vida; Trabalho Docente; Mulher Professora.

*Não se pode dizer como a vida é, como a sorte
ou o destino trata as pessoas, a não ser
contando a história.*

Hannah Arendt

Em Minas, no Brasil, proliferam montanhas e Marias. Maria como a da canção de Milton Nascimento, Maria como a Virgem, veneranda nas incontáveis capelas que se espalham pelo território das Gerais, Maria como a mãe de Betinho, Henfil e Chico Mário, como tantas outras Marias, como Maria Teresa de Assunção Freitas.

Uma Maria que veio ao mundo entre as montanhas da histórica São João Del Rey e que desde muito cedo percebeu que precisava ter força, raça, gana e graça, pois, apesar das marcas no corpo, alimentava o sonho de “voar para além das montanhas” e alcançar outras plagas.

“Se não se pode dizer como a vida é, (...) a não ser contando a história”, escolhemos ouvir e contar a história dessa Maria. Ela é a professora Maria Teresa de Freitas, docente do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e, mais recentemente, tendo ali se aposentado, professora visitante do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São João Del Rey, ambas em Minas Gerais.

Uma mulher que vai se fazendo e se revelando em tecimentos, tessituras e grandezas. Figura humana impar e exemplar, mulher de vanguarda nos caminhos da condição feminina e do magistério, Maria Teresa vai se constituindo, subjetivando, em seguintes e sequentes inacabamentos. Nas incompletudes bakhtinianas, talvez ela mesma nos diga, como uma conhecedora e admiradora de Bakhtin.

Essa é uma história de professora, do trabalho docente que nela se apresenta como vida, amorosidade, como profissionalismo e paixão, concomitantemente, não poderia ficar sem um registro sistemático, documental, digamos. Essa história não poderia ficar somente para alguns poucos. Todos têm o direito de conhecê-la, de admirá-la, de contemplá-la e aprender com ela.

A metodologia que orientou este trabalho foi a História Oral. A partir de seus pressupostos teórico-epistemológicos e metodológicos foi realizada uma pesquisa de História de Vida com esta professora, através de entrevistas gravadas e filmadas.

As filmagens aconteceram nas cidades de São João Del Rey e de Juiz de Fora (Minas Gerais, Brasil). Os locais escolhidos foram as escolas, faculdades, ruas e praças e ainda a bela casa situada na parte antiga da cidade histórica de São João Del Rey onde ela nasceu e cresceu. A escolha desses locais se deve ao fato de serem eles lugares onde a professora viveu e ainda vive as temporalidades de sua vida e história.

O percurso metodológico da pesquisa, sempre referenciado nos princípios da História Oral, foi sendo criado e recriado, podendo traduzir-se numa ideia, mais do que uma metáfora: olhos nos olhos. Nas sessões das entrevistas e períodos de filmagem, os luminosos olhos azuis de Maria Teresa estavam sempre presentes e apreendidos pelos olhos atentos e sensíveis dos pesquisadores, são acrescidos dos olhos da câmera que pela mão dos pesquisadores, também olha, captura, apreende a vida, a palavra, a imagem, o enredo, na pesquisa.

Maria Teresa Freitas nos contou sua vida, reconstituindo, ressignificando, relembando e revivendo em cada sessão de entrevista, sua história, sua trajetória de estudante, professora primária, professora universitária e formadora de professores. Ao mesmo tempo nos confiou suas angústias de menina, moça, mulher e mãe que mistura dor e alegria.

Como não se deixar tocar pela professora Maria Teresa? Como não a agradecer pela confiança e generosidade com que ela nos entregou sua vida, suas alegrias e dores, seus viveres, seu exemplo de valentia e ternura? Como não aprender com ela sobre a dignidade do trabalho docente e do magistério que nela estão vigorosamente construídos? Como não a admirar, como não a amar, se com ela aprendemos o melhor da docência, sua formosura e beleza: a amorosidade, o compromisso, o encantamento pelo conhecimento, pelos livros - escrevendo-os ou saboreando-os em leituras de outros autores, como Maria Teresa nos revelou em suas entrevistas e imagens. Com ela aprendemos o gosto pela escola, a paixão pela sala de aula, essa “estranha mania de ter fé na vida”. Este trabalho é um primeiro resultado dessa empreitada e se constitui de duas partes: um texto escrito e um documentário. Através deles desejamos relatar, celebrar, quiçá homenagear, mas, sobretudo, compartilhar e aprender com as memoráveis histórias de mulheres que se dedicaram ao trabalho docente, entre elas, uma Maria: Maria Teresa de Freitas.

PELOS CAMINHOS DE MINAS UMA HISTÓRIA DE VIDA E DOCÊNCIA: O PERCURSO DA PESQUISA

*Contar é tão dificultoso. Não pelos anos que já se passaram.
Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer
balance, de se remexerem dos lugares...*

Guimarães Rosa

*Há assim uma memória involuntária que é total e simultânea.
Para recuperar o que ela dá, basta ter passado, sentido a vida;
basta ter, como dizia Machado, padecido no tempo.*

Pedro Nava

5

Como recuperar a história de uma mulher/professora através de sua própria narrativa? Nossa opção metodológica foi a História Oral, que embora tenha surgido com o movimento da École des Annales, valorizando as fontes orais e o estudo daqueles que foram excluídos da história dita “oficial”, atualmente “parece estar plenamente consagrado como recurso valioso para variados estudos sobre vidas, sobre grupos sociais, sobre o presente” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2013, p. 10).

Dentro dos pressupostos da História Oral, elegemos a História de Vida como pesquisa e entrevistas gravadas e filmadas como recursos metodológicos. As entrevistas se dividiram entre Juiz de Fora, cidade onde Maria Teresa viveu a maior parte de sua vida e São João Del Rey, cidade de nascimento e onde até hoje mantém a casa onde viveram seus pais. Logo na primeira filmagem sentimos o quanto contar “é dificultoso”, o que nos faz lembrar que,

[...] a entrevista é um encontro sócio-antropológico, é uma relação intersubjetiva entre sujeitos que falam e ouvem, que sentem, que pensam, unindo afeto, razão e emoção. Nesta relação, cabe ao/a pesquisador/a a busca da informalidade, da espontaneidade e da confiança dos sujeitos que lhe emprestam suas vidas e histórias; pessoas que ao longo de suas narrativas lhes confiam suas lembranças, seus sentimentos, seus pensamentos; suas dificuldades, seus sonhos e quimeras. Trata-se de um encontro entre sujeitos, com diferentes registros culturais, que exige do/a pesquisador/a uma fina escuta, para que seja um sensível e fecundo encontro. [...] é um ato de fala e de escuta, inscrito em relações sociais, num encontro intercultural e intersubjetivo. Nela estão implicadas, as

dinâmicas próprias das interações sociais, que envolvem atos de enunciação, assimetrias de poder, pluralidade de interesses, de sentidos, como também racionalidades, emoções, intencionalidades, sentimentos e gestualidade (TEIXEIRA e PÁDUA, 2006, p. 7).

Maria Teresa nos recebeu para a primeira entrevista na sala do Grupo de Pesquisas LIC (Linguagem, Interação e Conhecimento), nas dependências da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, e ali, estávamos, pesquisadores sim, mas todos de alguma forma implicados na função da qual ela nos contava: a docência. Éramos um grupo que reunia professores/pesquisadores mineiros, alguns já mais experientes, outros ainda iniciantes, mas todos com vidas e pesquisas no campo da Educação. Pesava ainda o fato de o grupo ser constituído em sua maioria, por mulheres. A narrativa de Maria Teresa nos atravessava e ao mesmo tempo se entrelaçava com nossas próprias memórias de vida e estudos/pesquisas/docência.

A primeira entrevista foi um jorro de memórias recentes ou mais longínquas, que começou com sua afirmativa de que é uma boa contadora de histórias, embora fosse difícil contar de si mesma. E à medida que falava, nos identificávamos, mas nossa memória se constituía de uma memória *exotópica*, que para Marília Amorim (2009),

[...] é a memória que se produz depois da compreensão, isto é segunda etapa do processo de apreensão do *outro*. Podemos mesmo dizer que a memória exotópica se produz quando não compreendo mais, quando não me identifico mais com o ponto de vista do *outro* e introduzo meu ponto de vista, aquilo que vejo do que o *outro* vê. A memória exotópica é a memória estética, aquela que cria a unidade do *outro* dando-lhe forma e acabamento (AMORIM, 2009, p. 9).

Lembrando ainda que de acordo com Teixeira e Pádua (2006), as entrevistas “envolvem dimensões de tempo e de lugar” e que “datas, horários, durações e os locais onde elas se realizam” devem ser considerados relevantes e planejados com cuidado e delicadeza, nos dirigimos a São João Del Rey, para gravar outras cenas, seguindo a trilha traçada por Maria Teresa.

Na história cidade mineira percorremos lugares afetivos de Maria Teresa: a casa onde viveu com os pais, a escola onde iniciou sua carreira, o cinema que costumava frequentar com o pai, as dependências da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje Universidade Federal de São João Del Rey. E porque

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a toas as transferências, cenas, censuras ou projeções [...] (NORA, 1993, p. 7 e 9).

7

Caminhar pelas ruas, atravessar as pontes, recordar os filmes que assistiu com o pai a fizeram recuperar memórias guardadas de pessoas e lugares com os quais conviveu e convive. Suas lembranças nos trazem não só a vida de uma mulher que desejou ir “além das montanhas”, mas a História de Vida de uma professora mineira que se entrecruza e entrelaça com as histórias de tantas outras mulheres professoras de sua geração. Nesse entrelaçamento, nós pesquisadores conhecermos outros modos de se constituir na docência e na vida, abrindo ainda possibilidades para que nossos leitores, através das memórias de Maria Teresa, tenham contato com a memória da educação em Minas.

OLHOS NOS OLHOS: UMA VIDA QUE SE CONTA

*Quem eu sou ... uma mulher de setenta anos,
professora recentemente aposentada
institucionalmente, mas não de fato...*

(Entrevista de Maria Teresa de A. Freitas)

Com essa fala Maria Teresa abre as filmagens e sua narrativa. Passava naquele momento por situação com a qual ainda tinha dificuldades de lidar: ter completado 70 anos e ser aposentada compulsoriamente (pelas leis do serviço público brasileiro o servidor ao completar 70 anos é obrigado a se aposentar). Por isso a ênfase na expressão *aposentada institucionalmente, mas não de fato*.

Esse encontro filmado que representava nosso primeiro movimento de pesquisa foi realizado na sala de reuniões do Grupo de pesquisas Linguagem, Interação e Conhecimento (LIC), fundado e coordenado pela professora Maria Teresa a 18 anos.

Nossa proposta inicial era que nesse primeiro encontro ela falasse à vontade. Foi lhe feita apenas uma questão: Quem é você? A primeira frase, que se constitui na epígrafe que abre esse subtítulo; nos revela uma Maria que insiste em ter fé na vida e continuar lutando: apesar da aposentadoria institucional, naquele momento orientava quatro doutorandos, uma mestranda, trabalhos de iniciação científica e acabara de aceitar um retorno às montanhas de onde um dia sonhara voar: aceitara um cargo de professora visitante no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São João Del Rey.

Nesse primeiro movimento de pesquisa é Maria Teresa quem dirige a cena: nós pesquisadores somos seduzidos pela sua narrativa e nos perdemos em suas lembranças e ela nos traz sua primeira lembrança do desejo que sempre a motivou: ser professora e intuitivamente ser uma pesquisadora e formadora.

(...) acho que sou uma pessoa feliz, eu sempre tive de ser o que sou, eu sempre quis ser professora, na minha casa era rodeada de professoras. Ainda jovem, quando estava no curso normal, assisti no salão nobre da prefeitura de São João Del Rey a uma palestra de uma pessoa que escrevia livros e fazia conferências e pensei: eu quero ser como essa mulher. (Entrevista de Maria Teresa Freitas)

Estudou em “colégio de freiras”, o Colégio Nossa Senhora das Dores, onde se formavam professoras no Curso Normal, e a certeza que possuía de saber que não escolheria outro curso, era a mesma que a levava a afirmar que não trabalharia com crianças.

A contragosto iniciou sua vida profissional professora das séries iniciais, atuando como substituta *numa salinha de uns garotos endiabrados*, do Grupo Escolar João dos Santos, onde sua mãe trabalhou durante toda a vida e naquele momento exercia o cargo de vice-diretora. Não se adaptou. Sobre isso ela relata: (...) *sempre pensei ser professora, mas nunca pensei em trabalhar com crianças, mas com jovens e adultos.*

Ao terminar o Curso Normal e se tornar professora diplomada, prestou concurso para a rede estadual de ensino de Minas Gerais e aprovada tornou-se alfabetizadora, assumindo uma turma de segunda série no colégio João dos Santos. Constatou então que realmente não era o que desejava como futuro profissional, o que reforçou seu desejo de prosseguir com os estudos e cursar graduação. Chegou a cogitar o curso de Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, mas logo descartou a hipótese por não se sentir segura em sair de São João Del Rey e ir para a capital: havia perdido o pai aos 15 anos e como filha única se sentia responsável por estar com a mãe. O momento é de emoção e ela fala do pai de quem herdou não só os olhos azuis, mas também o gosto pelo cinema e pela literatura.

Papai era uma pessoa que eu amava (pausa) profundamente e com quinze anos ele se foi, logo depois dos meus quinze anos. Mas ele deixou uma marca em mim muito forte (voz embargada). Ele era uma pessoa que amava cinema. Era uma pessoa que lia muito. Chegava, trazia livros pra mim. Ele era um assinante da Seleções. (...) Era contador, trabalhava como contabilista numa fábrica. (Entrevista de Maria Teresa Freitas)

Como afirma Galzerani (1999), a memória é uma tessitura feita a partir do presente, que nos empurra em direção ao passado numa viagem necessária e fundamental para que possamos trazer à tona os encadeamentos da nossa história, e Maria Teresa a partir do exercício de relembrar o pai, segue conduzindo o fio que liga presente e passado e nos traz alguns elementos fundamentais que a formaram como pessoa, mulher e mestra. Recorda a casa sempre cheia de livros (a mãe e as tias professoras, o pai leitor voraz), os presentes que o pai trazia em suas viagens:

exemplares da coleção Menina e Moça¹ que ela conserva até hoje e que é capaz de citar todos os títulos.

É recordando o pai, que segundo ela, era muito severo, mas ao mesmo tempo muito carinhoso e com quem tinha uma grande identificação, que Maria Teresa fala de suas dificuldades com a deficiência que possui em consequência da *poliomielite que a acometeu quando tinha um ano e dois meses de vida.*

Meu pai foi essa pessoa assim especial. E tão especial que me fez muitas vezes me confrontar com a vida. E me fez ser o que eu sou. Eu me lembro que eu tinha quinze anos... E naquela época quinze anos era assim: idade de começar a usar batom, começar a pôr sapato de salto alto. E ia ter a festa da hoje oitava série, da quarta série ginásial. Não ia ter baile, mas uma festa que foi feita pela nossa turma, no salão em São João Del Rey. Ia ter dança e tudo mais. Eu estava no auge dos meus quinze anos, da festa de quinze anos, de vestido cor de rosa. Eu sonhei ir nessa festa... E era interessante, no dia seguinte dessa festa eu tinha que viajar de trem, “pro” Rio, que eu ia fazer uma grande cirurgia na perna. Então as minhas férias eu ia passar em gesso, durante uns três meses. Então aquela festa significava muito, era toda uma despedida. (...) Antes da festa eu estava planejando o vestido, o sapato, E todo mundo ia de salto alto, talvez o primeiro salto alto. Eu não podia usar sapato, eu usava quase que uma pequena bota feita no sapateiro. (Entrevista de Maria Teresa Freitas)

E nesse momento, a fala, a princípio rude do pai, lhe traz um senso de realidade que a acompanhou por toda vida:

A gente almoçava todo domingo na casa de minha avó, mãe do papai, e eu falando lá, porque estou muito triste, que eu queria usar salto, mas não vou usar salto. E minhas tias com pena falavam assim, Maria Teresa, você vai fazer essa cirurgia e depois dessa cirurgia você vai usar salto. Papai falou: Não enche a cabeça dela com essas coisas. Minha filha, você nunca vai usar salto, nunca, mas isso não vai te fazer

¹ A Coleção Menina e Moça produzida pela Livraria José Olympio Editora foi lançada em 1934 e retomada apenas em 1940 (Hallewel, 1985, p.376). Consistia em traduções da famosa Bibliothèque de Suzette, uma coleção voltada para meninas e moças publicada na França entre 1919 e 1965, que alcançou grande visibilidade na produção editorial.

<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss2articles/silva.pdf>

falta nenhuma na vida. Você não vai ser menor por causa disso. Então, o salto não vai fazer falta. Então enfrenta a realidade como ela é. Então essa frase dele pra mim foi muito importante. (Entrevista de Maria Teresa Freitas)

O enfrentamento da doença que foi trabalhado pelos pais desde muito cedo, trouxe forças para que pudesse enfrentar as adversidades futuras, não só as decorrentes da doença, como inúmeras cirurgias a que se submeteu, como ainda outros dissabores.

Enfrentei as coisas que me apareciam. E pra falar a verdade nunca me senti diferente de ninguém. Naquele momento da minha adolescência eu estava começando a me sentir, e essa frase do papai me fez ver que não era isso que importava. A forma com que eles me educaram me fizeram esquecer que eu era uma pessoa deficiente física. Eu nunca me senti como deficiente físico.(Entrevista de Maria Teresa Freitas)

Mesmo as lembranças da infância e da falta que lhe fazia correr, era compensada pela invenção de histórias, com a sua “Turma do Largo”. O cinema, os passeios na avenida, as danças no Sírio e Libanês, “retalhos” que lhe vem à cabeça, quando mistura infância, adolescência e juventude, numa cronologia própria.

O marco referencial de sua formação intelectual dá-se com a entrada na Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras²,

(...) um momento mesmo de amadurecimento (...) tanto na faculdade com as aulas que a gente tinha com aqueles salesianos maravilhosos, a frente do seu tempo, e eu me tornei uma pessoa de esquerda.(Entrevista de Maria Teresa Freitas)

Na faculdade iniciou não só uma profunda relação de aprendizado com os padres salesianos como ainda sua militância na Ação Católica.³ Conjugando suas leituras no

² Em 1953, a Inspeção Salesiana Dom Bosco, criou, anexa ao Colégio São João, a **Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras** com o objetivo de habilitar profissionalmente, de acordo com as exigências oficiais, os religiosos da Congregação mantenedora. A Faculdade Dom Bosco teve seus estatutos aprovados pelo Governo Federal, através do Decreto 34.392, de 27 de outubro daquele ano. Instalada em março de 1954, somente dois anos após sua instalação abriu à educação externa, acrescentando Psicologia e Pedagogia. Manteve até 1986 os cursos de *Filosofia, Ciências, Pedagogia, Letras e Psicologia*.

curso de Pedagogia com a vivência de uma nova maneira de vivenciar a religião na barroca São João Del Rey da década de 1960, afirma que

(...) a religião fez muito parte da minha vida, eu sempre fui muito religiosa, mas sempre questionei o tradicional. Achava bonita a coisa das irmandades, mas questionava a igreja fechada, proibitiva. (...) Na Ação Católica descobri outra igreja. (...) a Faculdade Dom Bosco contribuiu para que eu enxergasse o mundo de outra maneira. (...) esse povo todo é que me fez professora. (Entrevista de Maria Teresa Freitas)

12

Na Faculdade Dom Bosco e na Ação Católica se formou pessoa e professora, vivenciou o golpe militar de 1964 e iniciou sua trajetória de professora universitária. Através de um professor foi trabalhar no Laboratório de Psicologia e após a saída desse mesmo professor, convidado pela Congregação Dom Bosco para trabalhar em Brasília, foi por ele indicada para assumir suas aulas na Faculdade Dom Bosco.

Paralelo a este trabalho foi orientadora educacional de uma escola particular e chegou a retornar por um breve período à escola primária.

Convidada a ministrar um curso para professores da Faculdade de Educação da Universidade de Juiz de Fora, ficou três anos entre idas e vindas entre São João Del Rey e Juiz de Fora. Com a abertura do curso de Pedagogia no Centro de Ensino Superior coordenado pelos padres redentoristas, foi convidada, a partir da sua experiência a trabalhar na instituição. O convite exigia uma grande dedicação de horários e a esta altura, já mãe, dividia com sua mãe os cuidados com a filha. Como então comunicar a esta avó que precisaria se mudar para Juiz de Fora? Afora o convite sempre houve nela o desejo de *ir mais longe*, voar além daquelas montanhas, romper com o provincianismo

³ A Ação Católica surgiu na esteira do Sindicalismo Católico e da Democracia Cristã que, por sua vez, remontam à segunda fase do Catolicismo Social, inaugurada pela Encíclica *Rerum Novarum*, promulgada pelo Papa Leão XIII, em 1891. A Ação Católica Especializada, nos moldes da Juventude Operária Católica, fundada por J. Cardijn na Bélgica, em 1922 e, oficializada, em 1925, contribuiu para a superação da mentalidade de cristandade e o novo lugar da Igreja na sociedade moderna. Diferente da Ação Católica Geral, atrelada ao projeto de neo-cristandade, a Ação Católica Especializada ajudou a Igreja fazer a passagem para a modernidade, a situar-se no novo contexto da autonomia da razão frente à fé, do temporal frente ao sagrado, do Estado em relação à Igreja, bem como do exercício do poder nos parâmetros da democracia representativa, através de partidos políticos no seio da sociedade civil.

e a pequenez de sua cidade natal. Havia ainda o desejo de cursar o mestrado no Rio de Janeiro, que ficara adormecido com o casamento. Com a benção de sua mãe, ainda que com uma certa tensão, mudou-se para Juiz de Fora e a partir daí constitui não só sua vida profissional como também a pessoal. Sobre essa tensão com a mãe, Maria Teresa fala em sua entrevista: (...) eu amava minha mãe, mas ela era muito dominadora. Vir para Juiz de Fora significou ser eu mesma. Aqui eu me encontrei, eu fui eu mesma.

Mas se em Juiz de Fora conseguiu ser ela mesma e construir sua carreira docente, foi nesta cidade que viveu seus dilemas de ser mãe e mulher que trabalha muito, sua “redenção” só veio através do reconhecimento dos filhos e principalmente do filho mais novo por ocasião de sua defesa de mestrado: ver o filho seguir uma carreira acadêmica, reconhecer-se nele, aplacou seus dilemas.

Maria Teresa traz na sua narrativa seus “desdobramentos”. No doutorado o aprofundamento dos estudos da teoria de Lev S. Vygotsky e a aproximação de outro teórico russo: Mikhail Bakhtin. Desses estudos nasce uma relação que dura até os dias de hoje. De sua tese de doutorado nasce o livro “*Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e educação: Um intertexto*” marco fundamental dessa relação. Muitos livros depois, ela diz que cumpriu o desejo de juventude: escrever e ministrar palestras, mas que se realiza mesmo “nos outros”:

Eu acho que o grande barato da vida da gente de ser professor é porque a gente não trabalha com coisas materiais, eu acho que a gente trabalha com gente, com pessoas, e como é que a gente se multiplica nas pessoas com quem a gente trabalha. Eu acho lindo ver as pessoas que passaram por mim como alunos, como orientandos, bolsistas. Eu sinto que de uma forma ou de outra eu trabalhei com eles ajudando cada um a ser. Isso nós todos professores fazemos. (Entrevista de Maria Teresa Freitas)

E Maria Teresa continua trabalhando, ajudando muita gente a ser. Num movimento quase circular, retornou a São João Del Rey, à Faculdade Dom Bosco que hoje abriga a Universidade Federal de São João Del Rey, mas entre aquela jovem

senhora que desejava ver horizontes mais amplos, além das montanhas e essa mulher madura que volta hoje muito se passou. Muitas aprendizagens, muitos “outros”, muitas dores, dúvidas, alegrias..., mas ao fim de nossas andanças/filmagens/pesquisa, ela assimila a ideia de que se aposentar não é afinal de contas “deixar de existir” e nos responde, bakhtinianamente, provisoriamente,

Quem que é a Maria Teresa? Ela é um conjunto de muitos eus, de gente até que eu não conheci. Da minha família, outros eus que foram bem próximos, meus pais, depois meus alunos, meus colegas, meus amigos e os autores com quem eu trabalho. Institucionalmente eu estou aposentada, mas do grupo de pesquisa, das aulas, das orientações acho que não posso nunca fugir e sair. Só a hora que eu sentir que fisicamente eu não posso mais trabalhar. (...) isso pra mim é como se fosse o ar que eu respiro. É vida... (Entrevista de Maria Teresa Freitas)

14

Nesse movimento demonstra que além de mulher, mãe, professora, pesquisadora, é também uma historiadora que produz história, que ao nos relatar sua vida faz com que ela seja preservada do esquecimento, cria a possibilidade de ela ser contada novamente de outras maneiras, já que o sentido das histórias só se constrói no olhar do outro, na relação com outras histórias, ou no dizer de Walter Benjamin,

(...) aquela antiga coordenação de alma, olhos e mãos, que aflora nas palavras de Paul Valéry, é artesanal e encontramos-la onde quer que esteja a arte de narrar. Sim, podemos mesmo ir mais longe e perguntar se a ligação que o narrador tem com sua matéria – a vida humana – não é, ela própria, uma relação artesanal. Se a sua tarefa não consiste, precisamente, em trabalhar a matéria-prima de suas experiências – as dos outros e as suas próprias – de uma maneira sólida, útil e única. Trata-se de uma transformação. (BENJAMIN, 1987, p.56).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, M. Memória do objeto –uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p.8-22, 1ºsem. 2009

BENJAMIN, W. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e a história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Obras Escolhidas, v. 1).

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. *Vigotski e Bakhtin – Psicologia e educação: Um intertexto*. São Paulo, Ática, 1994.

GALZERANI, M. C. B. A tessitura do conhecimento histórico e as relações com a narrativa literária. In: IV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA. *Anais...* Ijuí, 1999.

NORA, Pierre. Entre Memória e história; a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n.10, 1993. p. 7-29.

PRADO, GUILHERME DO V. T; SOLIGO, ROSAURA. Memorial de Formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, GUILHERME DO V. T; SOLIGO, ROSAURA (ORG.). *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões e superações*. Campinas: Editora Alínea, 2007.

SANTHIAGO, Ricardo & MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (orgs). *Depois da Utopia*. A História oral em seu tempo. São Paulo: Letra e Voz, 2013.

TEIXEIRA, Inês A. Castro. Os professores como sujeitos sócio-culturais. In: DAYRELL, JUAREZ (ORG.). *Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

_____, Inês A. C.; PADUA, Karla C. Virtualidades e alcance das entrevistas narrativas. In: Congresso Internacional sobre pesquisa (auto) biográfica, II. *Anais*. Salvador: [s.n.], 2006. CD-ROM.